

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**FLÁVIA DA SILVA SANTANA**

**AS AULAS DE ARTE E O REPERTÓRIO CINEMATOGRAFICO DOS  
PROFESSORES**

**CRICIÚMA**

**2011**

**FLÁVIA DA SILVA SANTANA**

**AS AULAS DE ARTE E O REPERTÓRIO CINEMATOGRAFICO DOS  
PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

**CRICIÚMA**

**2011**

**FLÁVIA DA SILVA SANTANA**

**AS AULAS DE ARTE E O REPERTÓRIO CINEMATOGRAFICO DOS  
PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, novembro de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestrado - (UNESC) - Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutoranda em Ciências da Linguagem –  
(UNISUL)

Prof.<sup>a</sup> Nathália Neves Aquino - Especialista em Educação Estética - (UNESC)

**Dedico essa pesquisa a minha família, que me incentiva a cada dia, com o seu amor incomparável.**

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter me concebido uma família tão maravilhosa que é a minha, por ter escutado as minhas orações e pedidos. Há vinte e três anos que vivo em uma família que o principal é o amor, o respeito, e a dignidade, sempre regados de fé em Deus.

Quero agradecer em especial a minha Irmã Nicole, que se não fosse pelo auxílio financeiro eu não conseguiria chegar aqui, onde estou agora escrevendo estes agradecimentos. Agradeço ao meu Pai por tudo que ele faz por mim, e pelo seu amor que me alimenta todos os dias. Que em todas as manhãs antes de sair para trabalhar reza baixinho por todos nós. E é claro minha Mãe, alicerce da nossa família, que por não mais trabalhar fora esteve sempre presente, constantemente no meu dia a dia, dizendo “Vai com Deus minha filha”, todas as horas que saiu de casa.

Agradeço com todo o meu amor também ao meu namorado Ricardo, que esteve presente nesses quatro anos, que foram muito importantes para mim. Não posso deixar de agradecer a Danuzia, minha colega de faculdade, minha amiga, minha irmã.

A Prof.<sup>a</sup> Silemar, que além de me orientar nesta pesquisa, foi minha coordenadora em um projeto de extensão no Arte na Escola/ Polo Unesc, muito obrigado. A Prof.<sup>a</sup> Amalhene, por ter me oportunizado um estágio no Setor de Arte e Cultura da Unesc. E é claro não deixando de citar a Gabriela Baesso, a qual tive como colega de projeto por dois anos, no Arte na Escola/ Polo Unesc, e aprendi muito nesses anos de convivência.

Agradeço a compreensão e atenção de todos os professores que responderam os questionários, e assim contribuíram para a efetivação dessa pesquisa, o meu muito obrigado. Obrigado também a Bárbara Milioli, pela compreensão e auxílio no envio dos e-mails para os professores. E as coordenadoras do Arte na Escola/ Polo Unesc, que concederam o espaço para que eu realizasse a segunda abordagem dos questionários, nas oficinas que promoveram.

Contudo, agradeço a todos que estiveram presentes nesses quatro anos, nos meus momentos de sorrisos, como também de união, e muitas outras coisas que aconteceram junto à oitava fase de licenciatura 2011.

**“Uma docência que se faz ‘artista’ pode ser aquela que assume o seu trabalho como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar a desenhar-se. Um trabalho sobre si mesmo que não se faz sozinho.”**

**Luciana Loponte**

## RESUMO

A presente pesquisa é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que segue a linha de pesquisa do Curso de Artes Visuais – Licenciatura: educação e Arte, tendo como foco o cinema e a educação. Tem como objetivo investigar qual o repertório cinematográfico que o professor de Arte leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte, objetivando melhor compreender a relação entre cinema e educação. Remete à questões como: qual a importância da ampliação de repertório na formação do professor? Quais as facilidades e dificuldades que os professores encontram para ampliar seu repertório cinematográfico e da turma com a qual trabalham? Qual a importância do cinema na formação do sujeito? O que a cidade oferece para a ampliação do repertório cinematográfico de professores e alunos? É passado filme nas aulas de Arte? Quais os filmes, possivelmente, assistidos nas aulas de Arte? Quais os filmes que os professores de Arte gostam de assistir? E para que esta investigação ocorresse, faço a opção de ouvir o que dizem os professores de Arte de Criciúma, por meio de um questionário, de forma a reconhecer qual o repertório cinematográfico dos professores, e qual o repertório que levam para as escolas, percebendo também as facilidades e dificuldades que encontram. Neste caso, compreendendo o cinema como linguagem da Arte, buscarei, assim, dialogar com Almeida (2004), Barbosa (2005), Buoro e Costa (2007), Cunha (1980), Duarte (2002), Fantin (2006), Fusari e Ferraz (2001), Loponte (2007), Martins (2007), May (1976), Minayo (2000), Neto (2000), Oliveira (2005), Pillotto (2008), Pimentel (2007), Pinho (2007), Santaella (2001), Silva.R (2007), Silva, S. (2009), Stamm (2007), Xavier (1983) e Zitkoski (2006). Procurei evidenciar no decorrer da pesquisa, a história e a relevância do ensino da Arte, conhecer também sobre a história breve do cinema, evidenciando a relação cinema e educação. A análise dos questionários que quatorze professores responderam, remetem à compreensão que os filmes na aula de Arte são  *fatos e não boatos*, e conhecendo um recorte de qual repertório cinematográfico que esses professores possuem e levam para as aulas de Arte das escolas de Criciúma, podemos refletir sobre a relevância dessa investigação.

**Palavras-chave:** Cinema. Educação. Ensino da Arte. Professor de Arte.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 – Filmes assistidos e filmes passados aos alunos.....</b>	<b>38</b>
<b>Tabela 2 – Descrição de atividade – Mesa Redonda .....</b>	<b>47</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Ciae	Cursos Intensivos de Arte-Educação
EABs	Escolinhas de Arte do Brasil
GEDEST	Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética
GPEI	Grupo de Estudos sobre Educação Imaginativa
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
OSCIP	Organização Social de Interesse Público
PCN	Proposta Curricular Nacional
PMC	Prefeitura Municipal de Criciúma
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 MAPEANDO OS CAPÍTULOS.....</b>	<b>15</b>
<b>2 O ENSINO DA ARTE: HISTÓRIAS EM MOVIMENTO .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 A RELEVÂNCIA DO ENSINO DA ARTE.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3 A CONTEMPORANEIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS.....</b>	<b>23</b>
<b>3 CINEMA: PROJEÇÕES DE UMA HISTÓRIA.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 CINEMA E SEU TEMPO.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 CINEMA E EDUCAÇÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>4 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE E A AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIO CINEMATOGRAFICO.....</b>	<b>32</b>
<b>5 NARRATIVAS DOS PROFESSORES: UM OLHAR PARA O REPERTÓRIO CINEMATOGRAFICO.....</b>	<b>36</b>
<b>6 AMPLIANDO REPERTÓRIO: UMA PROPOSTA DE DEBATE .....</b>	<b>46</b>
<b>7 CONCLUSÃO .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE(S).....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO .....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Trago como início de conversa uma história que se inicia em 2009, quando durante a 3ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura, como bolsista no projeto de extensão “Educação Estética: Sessões de filmes na comunidade”<sup>1</sup>, marquei meu início no campo da pesquisa. Por meio deste projeto fui provocada a pesquisar, ler, sintetizar e resenhar livros, cujo tema me levava a melhor compreender que ainda há muito que pesquisar sobre a relação do cinema e a educação.

A educação estética se tornou algo fundamental para a minha formação. Durante o período do projeto participei na organização da IV e V edições da Mostra de Cinema Unesc. Foram experiências que marcaram como na IV Mostra, quando uma criança, que no momento em que foram apagadas todas as luzes do auditório Ruy Hülse, e ficou apenas a projeção na parede como fonte de luz, a criança disse:

*\_ Que legal! A gente tá no cinema.*

Essa frase tornou-se algo que foi me motivando a pesquisar essa relação do cinema com a educação, com um interesse particular para as questões da educação estética. Partindo de questões fomentadas no convívio com essas experiências, proponho como problema de investigação: **Qual o repertório cinematográfico que o professor leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte<sup>2</sup>?**

Compreendendo o cinema como linguagem da Arte, nesse exercício, para falar de Arte irei dialogar, em específico, com o PCN (1998), Fusari e Ferraz (2001), OCEM (2008), LDB (2011), Silva, Silemar (2009), Stamm (2007), Buoro e Costa (2007), Barbosa (2005), Fantin (2006), Pimentel (2007), Pillotto (2008). Para falar de cinema, remeto-me as múltiplas linguagens e reconheço-o enquanto uma linguagem híbrida, e o diálogo acontece a partir de Cunha (1980), May (1976), Xavier (1983), Silva, Roseli (2007), Silva, Silemar (2009), Almeida (2004) . Já citei Arte e a linguagem cinematográfica, então preciso agora uní-las, relacionando-as com a educação trazendo-as também para a escola, para isso falarei da relação do cinema

<sup>1</sup> Projeto aprovado pelo EDITAL 2/2009/CPAE/PROPEX – UNESC. Fonte financiadora: Programa de Bolsas de Pesquisa e Extensão do Fundo de Apoio a Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior.

<sup>2</sup> Utilizarei o termo Arte, segundo a LDB 9394/96, mas mesmo aparecendo em letra minúscula no documento, faço a opção de deixá-la em letra maiúscula, pois ela é o centro desta pesquisa.

e educação. O diálogo, assim, acontece com Zitkoski (2006), Silva, Roseli (2007), Duarte (2002), Martins (2007). E para falar sobre a formação do professor de Arte comungo com Proposta Curricular SC (2005), Oliveira (2005), Loponte (2007), Buoro e Costa (2007), Pimentel (2007). No desenrolar desta conversa, trago o conceito de pesquisa, o qual, nesse momento, parte do que afirma Minayo (2000), Neto (2000) e Santaella (2001), ou seja:

Na investigação social, a relação entre o pesquisador e seu campo de estudo se estabelecem definitivamente. A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e à sua aplicação. (MINAYO, 2000, p.15)

É a partir dessa definição que proponho entrevistar professores de Arte problematizando questões que perpassam o problema, o qual surge com as questões norteadoras abaixo apresentadas.

- Qual a importância da ampliação de repertório na formação do professor?
- Quais as facilidades e dificuldades que os professores encontram para ampliar o repertório cinematográfico dele e da turma com a qual trabalha?
- Qual a importância do cinema na formação do sujeito?
- O que a cidade oferece para a ampliação do repertório cinematográfico de professores e alunos?
- É exibido filmes nas aulas de Arte?
- Quais os filmes, possivelmente, assistidos nas aulas de Arte?
- Quais os filmes que os professores de Arte gostam de assistir?

Para melhor elucidar os caminhos dessa investigação, pontuar as questões metodológicas é o que proponho a seguir.

### **1.1 Questões Metodológicas**

A presente proposta de pesquisa tem como foco o cinema e a educação, seguindo a linha de pesquisa do curso de Artes Visuais – Licenciatura: Educação e Arte, que segue os princípios teóricos e metodológicos sobre Educação e Arte.

Propondo como título: "As aulas de Arte e o repertório cinematográfico

dos professores”, trago como fio condutor dessa pesquisa o problema: Qual o repertório cinematográfico que o professor leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte? Falo de uma investigação que se apresenta de forma básica, enquanto pesquisa qualitativa e exploratória.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2000, p. 21 - 22)

Dessa forma a pesquisa se caracteriza também como pesquisa de campo, uma vez que:

[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo. (NETO, 2000, p. 51)

Investigar o repertório cinematográfico que o professor de Arte leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte, objetivando melhor compreender a relação entre cinema e educação, é a ideia principal dessa pesquisa.

Para que esta investigação ocorra, faço opção por ouvir o que dizem os professores de Arte de Criciúma, por meio de um questionário (Apêndice A), elaborado para coletar dados de forma a reconhecer, também as facilidades e dificuldades que os professores encontram para ampliar o seu repertório cinematográfico, e dos seus alunos. Este questionário foi enviado por email aos professores de Arte que estão atuando na Rede Municipal de Educação de Criciúma, após contato e aprovação da Coordenadora do Ensino de Arte do Município, Professora Bárbara Milioli. Para Santaella,

[...] o pesquisador não pode “apenas adivinhar, fazer suposições gratuitas ou emitir opiniões superficiais e inconsistentes”, mas deve realizar sua busca através de levantamento de dados, através de um método coletâneo ao quadro teórico de referência e também adequado a dificuldade a ser resolvida, método este com suas técnicas específicas. (2001, p.113)

Para operacionalizar a busca através de levantamento de dados, a apresentação do Termo de Consentimento junto ao questionário (Apêndice B), se

fez necessário. Proponho ao longo desta pesquisa buscar estreitar a relação cinema e educação, reconhecendo o cinema como linguagem da Arte, assim ampliar possibilidades de melhor compreender a importância do cinema na formação do sujeito. Para tanto, no dia 08 de outubro de 2011 foi encaminhado um e-mail para a Coordenadora Bárbara Milioli, solicitando sua permissão e colaboração. Explicando assim, sobre a participação dos professores. Falando, então, que a pesquisa seria feita, a princípio, com os professores de Arte da Rede Municipal de Educação de Criciúma. O que veio a sofrer mudanças em função dos poucos questionários que retornaram.

Quanto ao nome dos professores, explico que não será contemplado na sua individualidade, apenas enquanto grupo, ou rede de educação. O questionário, aplicado busca contemplar os objetivos dessa pesquisa e dessa forma conta também com a solicitação da autorização do uso das respostas. Como período para retorno dos e-mails foi estipulado para o dia 25 de outubro, o que a princípio foi renovado até 30 de outubro pela dificuldade desse retorno. O questionário foi enviado para 90 professores. Até o dia 25 de outubro retornaram 7 questionários. O que me levou a adotar novas abordagens e encontrar estratégias outras para ampliar o número de entrevistados. No dia 05 de novembro de 2011, em uma formação de professores, por meio de um circuito de oficinas promovidas pelo Arte na Escola/Polo Unesc<sup>3</sup>, estive presente para fazer uma segunda abordagem. Entreguei o questionário aos professores de Arte que estavam presentes, tive o retorno de mais 7 questionários nesse mesmo dia. Ao todo foram analisados 14 questionários.

O presente desafio envolve também uma proposta de formação a partir da pesquisa propriamente dita, sendo assim, trago como proposta de curso, uma mesa redonda com o tema: **Repertório cinematográfico: você professor, possui um?** A proposta dessa mesa redonda (página 35) será apresentada à equipe da organização da VII Mostra de Cinema, enquanto sugestão para ser acrescida na programação do próximo ano.

---

<sup>3</sup> O Polo Arte na Escola da Unesc é um projeto de extensão permanente da Universidade do Extremo Sul Catarinense, vinculado ao Instituto Arte na Escola.

## 1.2 Mapeando os capítulos

Esta pesquisa, apresentada ao Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc tem como objetivo: investigar o repertório cinematográfico que o professor de Arte leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte. Objetiva melhor compreender a relação entre cinema e educação, e para buscar responder esse objetivo ela está dividida em quatro capítulos, os quais possuem um diálogo constante com autores, cujo seus temas de pesquisa se relacionam com os apresentados aqui.

Como primeiro capítulo encontramos a própria introdução que, além de um breve apanhado do que se pretende pesquisar, traz também, em sua estrutura a própria metodologia de pesquisa e esse mapeamento dos capítulos. No **Capítulo 2**, o qual recebe como título: **O ensino da Arte: Histórias em movimento**, trata sobre a Arte, apresentando-se em três subcapítulos que são **2.1 História do ensino da Arte**, esse subcapítulo conta brevemente a história do ensino da Arte, estabelecendo diálogo com o PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), as OCEM - Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008); contemplando também o que diz a LDB, no que se refere ao ensino da arte, Lei nº 9.394/96 de (1996) e de (2010) e Fusari e Ferraz (2001).

No subtítulo **2.2 Relevância do ensino da Arte**, conto com a contribuição novamente das OCEM - Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008), PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), de Stamm (2007), conto também com textos de Buoro e Costa (2007), entre outros, para falar da importância da Arte e de seu ensino na formação do sujeito.

No subcapítulo **2.3 Contemporaneidade e as novas tecnologias**, trago informações sobre o que é tecnologia e o que é mídia. Falo de cinema que é fruto das mídias e da tecnologia, desta forma trago Fantin (2006), Barbosa (2005). Não deixando também de trazer os PCN (1998), sobre a tecnologia e o papel do professor de Arte. Pimentel (2007) auxilia nas reflexões quando traz questões sobre as tecnologias contemporâneas para o ensino da Arte.

No capítulo **3 Cinema: Projeções de uma história**, apresento recortes da história do cinema, e sua relação com a educação, divido esse capítulo em dois subtítulos que são: **3.1 Cinema e seu tempo**, onde conto brevemente a história do

cinema a partir do que afirma Cunha (1980), May (1967), Xavier (1983), Silva, R. (2007), para falar da importância desse cinema em nossas vidas.

No subcapítulo **3.2 Cinema e educação**, irei falar dessa relação entre o cinema e a educação, para tanto me remeto à Duarte (2002) e dialogo também com as ideias da autora Silva, R. (2007), Martins (2007) e Silva, S. (2009).

No capítulo **4 A ampliação de repertório na formação do professor**, encaminho uma conversa para falar desse repertório e dessa formação do professor, onde proponho um diálogo com a Proposta Curricular SC (2005), sobre o papel do professor e suas atribuições, trago também para esse diálogo a autora Oliveira (2005), Loponte (2007) e Buoro e Costa (2007), além de Pimentel (2007). E procuro mostrar quais as possibilidades para a ampliação de repertório cinematográfico, que são oferecidas pela cidade de Criciúma.

No capítulo **5 Narrativas dos professores: um olhar para o repertório cinematográfico**, nesse capítulo trago a análise feita nos questionários de quatorze professores que atuam na cidade de Criciúma.

No capítulo **6 Ampliando repertório: uma proposta de debate**, busco nesse capítulo expor uma proposta de mesa redonda, onde após a sessão de um filme, possa haver um debate, por meio de uma mesa redonda.

## 2 O ENSINO DA ARTE: HISTÓRIAS EM MOVIMENTO

### 2.1 História do Ensino da Arte

A história se dá em diferentes tempos e espaços, nossa identidade é fruto desse movimento. Faço opção, nesse momento, por trazer parte da história do ensino da Arte. Atualmente a Legislação Educacional Brasileira, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “[...] reconhece a importância da Arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, incluindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica.” (BRASIL, 1998, p.19). Além da educação básica, a Arte é reconhecida no ensino fundamental passando a “[...] vigorar como área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens e visa à formação artística e estética dos alunos.” (BRASIL, 1998, p.19). Lembrando que, no PCN, fazem parte das linguagens artísticas: as artes visuais, a música, o teatro e a dança.

O ensino da Arte percorreu um caminho longo, de reflexões, organização e reorganização, que aos poucos foram lapidando-o. Explanarei aqui um pouco dessa história, que entre os anos 20 e 70, período em que “[...] muitas escolas brasileiras viveram também outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de Arte, fortemente sustentadas pela estética modernista e com base nas tendências pedagógicas e psicológicas que marcaram o período.” (BRASIL, 1998, p. 24).

Para melhor compreendermos essas tendências pedagógicas, trago um breve apanhado sobre elas, iniciando pela **Pedagogia tradicional** que segundo Fusari e Ferraz, nessa pedagogia

[...]na prática, a aplicação de tais ideias reduz-se a um ensino mecanizado, desvinculado dos aspectos do cotidiano, e com ênfase exclusivamente no professor, que ‘passa’ para os alunos ‘informações’ consideradas verdades absolutas” (2001, p. 27)

Trazendo especificamente para o ensino da Arte nesse momento, Fusari e Ferraz, dizem que as “[...] aulas de Artes das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estática mimética, isto é, mais ligada às cópias do ‘natural’ e com a apresentação de ‘modelos’ para os alunos imitarem[...]” (2001, p. 27).

E desta forma foi marcada a pedagogia tradicional no ensino da Arte, que segundo a OCEM, “[...] era centrado no professor e nos conhecimentos normativos, voltado apenas para a aquisição de informações, sem qualquer contextualização ou apreciação crítica [...]” (BRASIL, 2008, p.171).

A **Escola nova**, segundo a OCEM, “nesta tendência teórico-metodológica, o ensino centra-se no aluno, sendo a arte utilizada para a liberação emocional, o desenvolvimento da criatividade e do espírito experimental na livre solução de problemas.” (BRASIL, 2008, p.171). Esse período da Escola nova trouxe benefícios para o ensino da Arte, inclusive o “[...] movimento das Escolinhas de Arte do Brasil (EABs), que se tornaram importantes centros de formação de professores por meio dos Cursos Intensivos de Arte-Educação (Ciae).” (BRASIL, 2008, p.172). Segundo Fusari e Ferraz, no Brasil,

[...] os professores de Arte que aderiram à concepção da Pedagogia Nova passaram a trabalhar com diferentes métodos e atividades motivadoras das experiências artísticas, centradas nos interesses e temas individuais dos alunos, que se transformavam depois em conteúdos do ensino. (2001, p. 40)

Sobre a **Pedagogia crítica**, segundo a OCEM, “é a vertente pedagógica voltada para uma aprendizagem contextualizada e para a crítica político-ideológica dos conteúdos da escolarização.” (BRASIL, 2008, p. 173). Sendo assim “[...] a pedagogia crítica vincula-se mais diretamente aos movimentos sociais, culturais e artísticos de resistência à ditadura militar.” (BRASIL, 2008, p. 173). Esta teoria é fundamentada na teoria crítica e em Paulo Freire, sendo assim “[...] buscou-se dar ênfase aos conteúdos histórico-sociais, valorizando os conhecimentos e os processos de aprendizagem pautados na cultura local (popular) e o repertório de saberes do estudante.” (BRASIL, 2008, p. 173).

Com relação ao **Tecnicismo**, segundo Fusari e Ferraz essa tendência “aparece no exato momento em que a educação é considerada insuficiente no preparo de profissionais, tanto de nível médio quanto de superior, para atender o mundo tecnológico em expansão.” (2001, p. 41). A OCEM, contempla que “centrada no uso de recursos tecnológicos, essa tendência enfatiza o estudo programado e o uso de meios audiovisuais e do livro didático. No ensino da Arte predomina o ‘receituário’ de técnicas artísticas ligadas à programação visual e à publicidade.” (BRASIL, 2008, p. 174) Essa tendência tecnicista possui algumas críticas, mas as

que se ressaltam são “[...] o formalismo dos conteúdos e a ênfase nos recursos tecnológicos de maneira descontextualizada, ou melhor, sem relação com a realidade do aluno e do professor.” (BRASIL, 2008, p. 174).

O ensino da Arte passou por várias tendências pedagógicas, porque fez e faz parte da educação de um modo geral. Ele foi se transformando a cada momento, mas a história do ensino da Arte não parou por aqui, ainda há muita história pela frente. Essas tendências acompanharam uma história, a qual vai revelando o que no começo se chamava educação artística. No início de sua implantação no currículo escolar em 1971, era considerada, segundo o PCN, apenas uma “[...] ‘atividade educativa’ e não disciplina, tratando de maneira indefinida o conhecimento.” (BRASIL, 1998, p. 26). A partir disso inicia-se um longo processo de erros e acertos, assim dizendo. Com a implantação da educação artística, surgem problemas como a relação teoria e prática em Arte, pois, como consta no PCN (1998, p. 27), “[...] abriu um novo espaço para a Arte, mas ao mesmo tempo percebeu-se que o sistema educacional vinha enfrentando dificuldades de base na relação entre teoria e prática em Arte e no ensino e a aprendizagem desse conhecimento.”

Para tentar solucionar essas dificuldades foram criados cursos de capacitação de curta duração para os professores, e independentemente de sua formação e habilitação os mesmos passam a atuar com todas as linguagens artísticas, o que chamamos de polivalência. Nos anos 80, os professores começam a se reunir organizando movimentos de professores de Arte, formando assim associações que refletiam sobre a sua área. Neste momento tudo estava caminhando em direção a algo que iria marcar a história do ensino da Arte; em 1996, surge a Lei nº 9.394/96, na qual, conforme o Art. 26 § 2º “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (Título V, Cap. II, Art. 26, § 2º).

Em 13 de julho de 2010 o artigo 26 foi alterado para § 2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (Título V, Cap. II, Art. 26, § 2º). Dando ênfase as expressões regionais. Desta forma evidencia, mais uma vez que essa história não para, se constrói e reconstrói a cada dia. O caminho que o ensino da Arte percorreu foi longo, e a cada barreira, ele se fortaleceu e ainda se fortalece, deixando marcas na história. Com o olhar mais específico para o cinema e a educação, a partir da

área de Arte, trago algumas inquietações, entre elas: Quais as marcas que a relação cinema e educação trazem?

Marcas essas que são repletas de significados e relações com outros acontecimentos importantes na história da Arte que se relacionam também com o seu ensino, como o cinema. Relações essas entre cinema/educação/escola que motivam a pesquisa. Cito a pesquisa de Monica Fantin<sup>4</sup>, a qual conheci a partir da dissertação de mestrado “Minha escola é assim...”: reflexões sobre a produção de um filme com crianças. Um estudo foi feito com 15 crianças da escola E.M.E.I.E.F. Prof. Moacyr Jardim de Menezes, com o objetivo de “refletir sobre os seus processos de fruição e de produção, em especial por meio da realização de um filme”(SILVA, S., 2009, p. 8).

Remetendo a importância do cinema, no capítulo 3 veremos um pouco sobre a história do cinema, que como a história do ensino da arte passou por várias fases e transformações, e que se modifica a cada período.

Hoje após longa e significativa caminhada, o cinema, segundo Roseli Pereira Silva (2007), “[...] é tido como um dos mais poderosos meios de comunicação de massa do século XX, razão pela qual não se pode ignorar a força, nem malbaratar o grande poder de educação, oferecido por esse meio.” (p. 50). É esse poder de educação que se relaciona com o ensino da Arte, construindo assim uma segunda história, onde essa relação entre cinema e educação completa nossa formação como sujeito ao longo dos tempos.

## **2.2 A Relevância do Ensino da Arte**

O ensino da Arte retoma sua caminhada, constantemente. Em específico, a partir do momento em que consideramos que “[...] a arte é um tipo particular de narrativa sobre o ser humano, a natureza e o cosmos, sintetizando as visões de mundo de cada época e cultura” (OCEM, 2008, p.181). Nessa perspectiva é que se faz necessário o seu ensino.

A educação em Arte é fundamental para a formação do sujeito, segundo o PCN, a Arte

---

<sup>4</sup> FANTIN, Monica. **Mídia-educação**: conceitos, experiências, diálogos. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

[...] propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, a percepção, e a imaginação. Tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997. p. 19).

As linguagens artísticas são importantes na formação do gosto, estético e contribuem para a formação da personalidade do indivíduo. Transforma-nos em seres mais sensíveis, pensadores e críticos. É pensando nesses seres sensíveis que logo recordo do filme “Beleza Americana”<sup>5</sup> no momento em que o garoto mostra o filme que gravou de uma sacola plástica voando entre as folhas de outono, aquela cena é tão linda, assim dizendo, que emerge em nossos sentidos, emocionando de uma forma que não sei explicar, será que mais alguém sentiu essa intensidade de sensações?

Retomando: saber trabalhar a Arte é possibilitar a transformação, ir além da superficialidade, mesclando os conhecimentos e agregando ao terreno criativo da condição humana. Para Eliana Stamm,

[...] a arte também é uma das atividades que mais trazem prazer à criança, porque permite transcender, isto é, posicionar-se de uma forma única e pessoal, entendendo, à sua maneira, o que a arte tem a lhe dizer, mostrar, impulsionar... A arte pode ser uma grande brincadeira no mundo fantástico das crianças; afinal é brincando e reinventando que as crianças aprendem sobre elas mesmas e sobre o extraordinário mundo em que vivem. (2007, p. 132).

Considero, assim, então que as linguagens artísticas são importantes para todos nós, pois desde crianças já temos contato com ela, e ela poderia vir a ser a forma mais prazerosa de se aprender.

A natureza humana tem como tendência, representar suas ideias de uma forma a comunicá-las a todos, essa forma de comunicação pode ser compreendida melhor a partir do que afirma Kehrwald:

[...] ao representar as ideias, o indivíduo o faz por meio de uma simbologia muito pessoal e que caracteriza as diferentes linguagens artísticas: ora nos valem dos símbolos linguísticos, ora dos códigos corporais, ora dos musicais ou plásticos. Esse procedimento não é apenas apresentar ou comunicar ideias e sentimentos, mas expressá-los aliando o real e o imaginário, a razão e a emoção perpassadas pelo que mais refinado habita

---

<sup>5</sup> Filme lançado em 1999 (EUA), direção de Sam Mendes, gênero comédia.

em nós: nossa capacidade de criar e sonhar e, com isso, elaborar conhecimentos que nos humanizam. (1999 apud PILLOTTO, 2008, p. 42)

Por meio da Arte podemos nos expressar de várias formas já que ela está vinculada a um mundo de imaginação, onde o sujeito experimenta sensações, emoções e tem um contato amplo com as diversas linguagens, possibilitando assim um espaço para a esperança, sonhos, realidade e criatividade nas descobertas da vida.

Para as autoras Buoro e Costa, ao falarem de Arte afirmam que “entendemos Arte como uma linguagem capaz de dar conta de conhecimentos específicos do ser humano em suas relações consigo, com o outro e com o mundo em que vive.” (2007, p. 252). E ressaltando também que a Arte tem suas características e especificidades, pois segundo as autoras

Arte não serve para nada útil e imediato e, como disciplina dentro da grade curricular, é uma oportunidade importante de viver aprendizagens ligadas ao sensível, pois nos permite sonhar, refletir, imaginar...além de pensar. (BUORO; COSTA, 2007, p. 252).

Sonhar, refletir e imaginar fazem parte da aprendizagem em Arte, pois segundo o PCN “sabe-se que, ao fazer e conhecer Arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo.”(1998, p. 43) Ressalto a relevância da Arte no ensino, a partir dessas relações que a Arte propicia, pois é uma disciplina que desenvolve segundo o PCN, “[...] potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem contribuir para a consciência do seu lugar no mundo e para a compreensão de conteúdos das outras áreas do currículo.” (1998, p. 43).

A Arte é independente, possui uma autonomia. Ela contribui para tudo e qualquer área social e de ensino, contribuindo para a formação pessoal e intelectual do sujeito, segundo o que nos diz o PCN “aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, mobilizado pelas interações que o aluno realiza no ambiente natural e sociocultural.” (1998, p. 44). Nessa perspectiva busco refletir mais e melhor sobre o ensino da Arte na contemporaneidade, pensando em específico os recursos tecnológicos, estes em diálogo com a linguagem cinematográfica, propriamente dita. Para tanto seguem algumas reflexões a partir de um subcapítulo sugestivo, ou seja: a

contemporaneidade e as novas tecnologias.

### 2.3 A Contemporaneidade e as novas tecnologias

Para iniciar esse diálogo entre a contemporaneidade e as novas tecnologias, opto por dizer de que tecnologia estou falando. Segundo Barbosa, “a tecnologia não apenas transformou as práticas cotidianas, mas também os modos de produção intelectual e diluiu os limites entre compreensão e certeza.” (2005, p.111), logo percebemos que as tecnologias estão interligadas com a Arte e a ciência. Dessa forma partindo das tecnologias, surgem as mídias, que segundo Fantin, mídia “[...] compreende os mais diversos meios de comunicação: jornal, cinema, rádio, televisão, computador e instrumentos multimeios/ multimídias [...]” (2006, p. 30).

O cinema é fruto de uma junção da tecnologia com a mídia. As mídias possuem um fácil acesso, chegando a todos com muita facilidade e rapidez já é algo cultural, que segundo Fantin “estamos sendo educados por imagens e sons e muitos outros meios provindos da cultura de mídias, o que torna os audiovisuais um dos protagonistas dos processos culturais e educativos[...]” (2006, p. 27). É para esse recorte que volto um olhar mais cuidadoso, falo do cinema como esse “audiovisual” que Fantin coloca como protagonista desse processo que envolve cultura e educação.

A tecnologia faz parte do cotidiano de muitas pessoas, ou seja, está presente constantemente na sociedade contemporânea. Ela pode contribuir para muitas coisas, principalmente, para a socialização de diferentes saberes e diferentes histórias. Ampliando, assim, as potencialidades do sujeito em constante formação. Fantin nos diz que,

Os sentidos culturais das sociedades contemporâneas se organizam cada vez mais a partir das mídias, que sendo parte da cultura exercem papel de grandes mediadoras entre os sujeitos e a cultura mais ampla, modificando as interações coletivas. (2006, p. 25 e 26)

O tema central dessa investigação é o cinema e a educação. O cinema aqui é tratado como uma linguagem da Arte, mas é do seu papel enquanto mídia que proponho uma primeira conversa, uma vez que é a partir da ideia de que a

mídia amplia as potencialidades do sujeito em constante formação. Opto, assim, em falar sobre a mídia e sua relação com a educação, enquanto falo de cinema.

Fantin traz questões que cercam esse pensar sobre mídia, cinema e educação, e para falar dessas questões vai percebendo “como um campo interdisciplinar, vimos que os espaços de atuação da mídia-educação vão além da escola e do âmbito institucional.” (FANTIN, 2006, p. 69). A escola é um meio importante para essa formação, mas que não é o único, pois, segundo a autora “[...] a mídia-educação pode ser uma possibilidade frente aos desafios de reaproximar cultura, educação e cidadania.” (2006, p. 37).

Encontro assim, a relevância dessa pesquisa, pois questiono sobre qual o repertório cinematográfico que os professores levam para a escola de Criciúma, em específico nas aulas de Arte, pois o cinema é uma mídia que, muitas vezes, está dentro e fora da escola, em constante contato com o sujeito. Para Fantin, o cinema,

[...] contribui com todos os fatores de estímulos à imaginação infantil: é arte, acrescenta à multiplicidade narrativa, é espaço de mediação cultural entre as gerações, e deflagra um tempo fora do tempo do relógio que é favorável à fantasia e à recreação subjetiva do mundo. (2006, p. 12)

Esse diálogo sobre mídias, tecnologia e educação, também está presente no PCN, onde afirma que:

Nas aulas, o professor tem de levar em conta que o domínio da tecnologia e da generalização das redes midiáticas fez com que nossos conceitos de tempo, espaço, corpo e, portanto, dança, se transformassem [...] No mundo de hoje, os valores, atitudes e maneiras de viver em sociedade estão em constante transformação por causa da presença das novas tecnologias. (BRASIL, 1998, p. 41)

É desta forma que uma sociedade caminha, com transformações constantes, e se a sociedade muda, os profissionais da educação precisam estar cientes destas mudanças, e quando se fala de Arte, ou de cinema, essas mudanças são realmente mais acentuadas, acredito. Devemos estar cientes que onde há transformação, há desafios e onde há desafios há caminhos a serem percorridos, e esses caminhos devem ser planejados, em específico os caminhos das tecnologias, pois segundo Pimentel (2007),

[...]usar as tecnologias contemporâneas para o ensino da arte, quer seja na produção artística, quer seja como suporte para a construção de novos

conhecimentos, e reconhecer a possibilidade de expressão artística com a mídia tecnológica são tarefas e desafios contemporâneos aos quais o professor de Arte deve estar atento. (p, 298)

A atualização do professor está diretamente ligada à ampliação de repertório, e é sobre a importância dessa ampliação que proponho dialogar no capítulo 4, dando ênfase ao repertório cinematográfico. Mas para que possamos dialogar sobre esse repertório cinematográfico, precisamos situá-lo no tempo e espaço, e para que isso ocorra proponho no capítulo seguinte um diálogo repleto de história e informações sobre o cinema, cujo título é Cinema: Projeções de uma história.

### 3 CINEMA: PROJEÇÕES DE UMA HISTÓRIA

Evidencio como diálogo/desafio permanente de pesquisa: o cinema, faz-se necessário então, apresentar recortes da história do cinema, seguido de um diálogo que passeia, entre outras questões, entre elas , o próprio conceito de cinema.

#### 3.1 Cinema e seu tempo

Para falar do Cinema, a primeira imagem que me vem à cabeça é do nosso querido e incomparável Charlin Chaplin, o vagabundo que iluminou as telas do cinema mudo, e ao pensar nele, logo me remeto ao filme “Chaplin”<sup>6</sup>, esse filme mexe com todos os sentidos que você possa imaginar, ao assistir chorei e sorri muito. O filme conta a biografia de Charlin Chaplin, e deste modo, boa parte da história do cinema.

O cinema não existiu sempre, houve um tempo em que ele não fazia parte da vida das pessoas, até que dois irmãos entre tentativas, movimentos, e invenções acabaram criando a imagem em movimento, trata-se dos irmãos Auguste e Louis Lumière, que segundo Cunha (1980), patentearam a Cinematographe, e em 28 de dezembro de 1895, em Paris começam a exibir o primeiro filme, no Grand Café do Boulevard des Capucines. O filme tinha como título *A chegada de um Trem à Estação de Ciotat*.

Apesar dos irmãos Lumière terem inventado o Cinematographe, não imaginavam no que ele iria virar no futuro. E foi assim que tudo começou. No Brasil o cinema chegou em 8 de julho de 1896, no centro do Rio de Janeiro.

E assim, essa história não parou mais, até chegar nos dias de hoje, mas para que isso acontecesse foi necessário passar por vários processos, como por exemplo, o “desenvolvimento de técnicas paralelas ao cinema – como a maquiagem e os efeitos especiais – possibilitaria o surgimento de dois outros gêneros: os filmes de terror e de ficção científica.”(CUNHA, 1980, p. 20).

O cinema no Brasil passava por grandes processos também, e desenvolveu-se “[...] com toda força o movimento chamado cinema-novo – os

---

<sup>6</sup> Filme lançado em 2006, direção de Richard Attenborough, gênero drama.

cineastas voltando-se cada vez mais para os problemas sociais.” (CUNHA, 1980, p. 36). E assim o cinema caminha, perpassando por novos desafios e processos voltando-se para o que se faz necessário para se fortalecer, ou seja, apropria-se de sua própria linguagem, cinema este que possui

[...] uma forma de arte dinâmica que dispõe e associa os seus elementos no espaço, mas que se exprime, de modo mais particular e específico, através de uma linguagem totalmente original: a linguagem do movimento dinâmico dos elementos escolhidos pelo artista.(MAY, 1976, p. 38).

Xavier afirma que “Reproduzindo, atualizando determinados processos e operações mentais, o cinema se torna experiência inteligível e, ao mesmo tempo, vai ao encontro de uma demanda afetiva que o espectador traz consigo”. (1983, p. 10). Nessa perspectiva, mesmo tendo em vista que o cinema é algo de fácil acesso, muitas vezes pensamos que para assistir um filme, é só assistir e pronto, e até podemos pensar que nada muda depois, mas podemos estar enganados, pois segundo Xavier,

[...] o espectador não é elemento passivo, totalmente iludido. É alguém que usa de suas faculdades mentais para participar ativamente do jogo, preenchendo as lacunas do objeto com investimentos intelectuais e emocionais que cumprem as condições para que a experiência cinematográfica se inscreva na esfera do estético [...] (1983, p. 20).

Desta forma, ao assistir um filme, nosso cérebro gera vários processos mentais, e que estas experiências trazem mudanças estéticas para nossa formação, além de um enriquecimento, considerando o repertório cinematográfico. Sendo assim “Os filmes são uma fonte de conhecimento e se propõem, de certa forma, a ‘reconstruir a realidade’. A linguagem cinematográfica tem o mérito de permitir que a relação entre filmes e imaginário social aconteça.” (SILVA, R., 2007, p. 50 e 51). Essa escrita se propõe enquanto um desafio para que venhamos a refletir cada vez mais e melhor sobre o cinema como um caminho para pensá-lo como um outro processo de conhecimento, uma ação duradoura que possibilita a transformação do sujeito, por meio da relação: filme, imaginário e social. Durante esse dialogar falo de cinema e filme, mas será que há uma diferença entre os dois? Percebo que a diferença está no deslocar-se, no local em que cada um estará, pois o filme pode estar em qualquer lugar, e a qualquer hora, basta locarmos em uma Locadora mais próxima, ou até mesmo em nossas televisões, computadores e etc. Já o cinema,

precisamos ir ao seu encontro, lá onde segundo Silva, S. : “uma coisa é assistir a um filme, outra coisa é ir ao cinema. Cinema tem cheiro de pipoca, tem roupa nova e gente diferente. Cinema tem filme também.” (2009, p. 27). Há sim esta diferença, pois no cinema há filme, mas no filme não há cinema, a não ser no momento em que o filme aborda em seu roteiro o cinema, como no filme “Cinema Paradiso”<sup>7</sup>, que mostra o cinema, no desenrolar de sua história. Almeida traz também essa diferença em um de seus livros, que diz “O espectador nunca vê cinema, vê sempre o filme. O filme é sempre um tempo presente, seu tempo é o tempo da projeção.” (2004, p.40). Já o cinema “existe antes e depois da projeção do filme. [...] E também as interpretações, as conversas depois do filme são coisas do cinema.” (ALMEIDA, 2004, p. 40 e 41).

E é esse o cinema que “[...] traz possibilidades infinitas, no sentido de promover a contemplação de valores, a partir dos pontos de vista político, estético e ético.” (SILVA, R., 2007, p. 53). Tornando-se assim segundo a autora “em produções que se consagram como verdadeiras obras de Arte, conquistou o respeito de artistas, escritores e intelectuais em todo o mundo. Atualmente, o cinema faz parte do dia-a-dia de todos nós.” (SILVA, R., 2007, p. 53).

Ao pensar na relação cinema e educação, percebo-o como um canal para inúmeras possibilidades de relações. É sobre isso que proponho falar a seguir.

### 3.2 Cinema e educação

Para falar sobre cinema e educação, faço opção, primeiro em situar de que educação estamos falando, trago para esse diálogo Zitkoski, pois, segundo ele,

Educação é sinônimo de humanização, de *ser mais* e construir um mundo mais digno com relação às condições concretas da existência humana em sociedade. Nesse sentido para Freire, educação requer a unidade dialética teoria-prática, que deve transformar-se em práxis social. (2006, p.11)

Enquanto práxis social, a educação é parte do que o cinema promove, pois assistir filmes caminha na direção da unidade dialética teoria-prática, comungando ainda com a ideia de humanização.

---

<sup>7</sup> Filme Lançado em 1988 (Itália), direção de Giuseppe Tomatore, gênero drama.

Propondo estreitar a relação cinema e educação, no exercício de trazer para o espaço da escola na relação cinema e ensino da Arte, remeto-me ao capítulo 2, o qual trata do ensino da Arte. Ele, esse ensino, surge de uma caminhada repleta de processos que o modificaram, gerando um (re)conhecimento que continua até os dias de hoje. É nessa caminhada que se faz necessário, ampliarmos reflexões sobre a relação cinema e educação, cinema este, que assim como a Arte também passou – e passa – por um processo transformador durante sua trajetória. Unir cinema e educação é um passo importante para a formação estética. Moraes (1988), nos fala que,

Compreendendo o cinema como arte, estamos atentos ao poder transformador da percepção que toda a arte possui. [...] Tomamos o cinema como um novo instrumento de percepção da realidade, porque ele apresenta uma nova linguagem, diversa da literatura e demais artes, diversa da ciência. (Apud SILVA, R., 2007, p. 52)

Compreendendo o cinema como Arte, percebemos como sua linguagem é importante, uma vez que “a experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de competência para ver”. (BOURDIE, 1979, apud DUARTE, 2002, p. 13). Ao assistirmos a um filme, podemos aprimorar nossos sentidos, observando, sentindo, e nos formando cidadãos críticos, pois os filmes trazem diversos significados que nos possibilita uma transformação dos nossos sentidos.

Dentre alguns autores que falam de cinema e educação, cito Rosália Duarte que diz que “o homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento”. (2002, p. 18), comenta ainda que

Ao longo de mais de cem anos, a gramática cinematográfica criou uma linguagem profundamente rica; fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados. (DUARTE, 2002, p. 37)

A partir da afirmação de Duarte e das experiências até aqui vivenciadas, afirmo que muitas vezes o filme consegue nos levar para o lugar do personagem, vendo o que o personagem vê, e sentir o que o personagem está sentindo. Quem nunca chorou ao ver um filme?

Através da câmera, da luz, do som e das montagens, podemos viver num mundo de fantasia, de realidade e até mesmo de terror. O filme nos seduz, nos envolve, através dele conseguimos perceber coisas que, muitas vezes, não damos importância no nosso dia a dia. Filme este, que fala conosco de uma forma sutil, nos informando de coisas, nos alertando, e até mesmo explicando algo por meio de uma linguagem que comunica, que seduz, encanta e envolve cada vez mais o espectador. Ele faz algo complexo se tornar delicado e simples. Sabendo disso, cabe a pergunta: por que o cinema não está constantemente ligado à escola? E é a partir dessa perspectiva que Duarte ressalta

Cinema e escola vêm se relacionando um com o outro há muitas décadas, embora ainda não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas. [...] Embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. [...] O problema consiste em ignorarmos o valor e a importância deles para o patrimônio artístico e cultural da humanidade. (2002, p.85, 87)

A autora reconhece o cinema como um patrimônio cultural da humanidade, e chama atenção para a importância dele na formação das pessoas. Por meio dele, nossa sensibilidade e senso de observação pode se ampliar, pois quando você vê um filme uma vez percebe algumas coisas, se vê-lo novamente, você perceberá muitas outras coisas. Além de perceber podemos conhecer diversas culturas, sem que estejamos presentes nela, o filme nada mais é do que uma viagem sem precisar sair do lugar, é transitar por caminhos desconhecidos, sem medo de se perder, é aprender inúmeras coisas. Duarte comenta que

Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e de informação. (2002, p. 87)

A partir desse “olhar filmes” como fonte de conhecimento e informações que me pergunto, qual o repertório cinematográfico que o professor leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte? Pois segundo a autora Silva, R. “a experiência estética que o cinema proporciona abre-nos, sem dúvida, para uma compreensão mais radical da realidade e do ser humano. É uma obra de Arte com a qual nos relacionamos para iluminar nossa percepção do mundo [...]” (2007, p.52). A partir disso ampliamos nossos olhares não apenas para o outro e sim também para

nós mesmos, pois segundo a autora

[...] é uma via de acesso a nós mesmos; uma convocação instigante que nos faz repensar nossas atitudes e reavaliarmos nossos valores; uma provocação inquietante para questionarmos possíveis conviências nossas com a falta de criatividade [...](SILVA, R., 2007, p. 52).

Envolto nessas sensações que nos instigam, e nos fazem pensar e repensar as nossas ações, seja “[...] precisamente nesse ponto de descobrimos, atrás dessas possibilidades estéticas, as possibilidades educativas e éticas do cinema.” (SILVA, R, 2007, p. 52).

Esse exercício de pensar e repensar podem estar ligados efetivamente à linguagem cinematográfica, partindo do que afirma Alice Fátima Martins, sobre esta linguagem:

[...] a linguagem cinematográfica constitui uma das formas de expressão mais relevantes na formação das visões de mundo da contemporaneidade, desde a imagem analógica à digital, da óptica à numérica, como elemento estruturante dos imaginários sociais, no âmbito dos estudos voltados para o ensino das Artes Visuais e da Cultura Visual, as narrativas cinematográficas não podem ser relegadas ao segundo plano. (2007, p. 122)

Existem inúmeras possibilidades de se trabalhar a linguagem cinematográfica na escola, e deve-se saber que não existe uma receita pronta, mas a partir do momento que o professor está ampliando seu repertório constantemente, isso já possibilitará um mundo de ideias a serem trabalhadas. Desse modo segundo Martins “é preciso avançar além da concepção recorrente sobre seus possíveis usos instrumentais, na direção de se enfrentar questões conceituais, estéticas, formais e técnicas relativas ao uni(multi)verso das imagens em movimento.”(2007, p. 122)

Esse é um desafio constante, ou seja, pensar o cinema não apenas como instrumento, conteúdo, passatempo, e sim possibilitar uma forma eclética de trabalhá-lo, ora de um jeito, ora de outro, sempre buscando um novo olhar, um novo modo. Isto é Arte, é estar constantemente inquietos, desejando mais possibilidades, para que a qualquer momento busquemos novos saberes, novas atitudes. E é a importância dessa busca de saberes que proponho no capítulo seguinte, dialogando com alguns autores sobre a importância da ampliação de repertório na formação do professor.

## 4 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE E A AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIO CINEMATOGRAFICO

Professor de Arte é o propositor, vai estreitar a relação entre o conhecimento e o sujeito em sala de aula, o que segundo a Proposta Curricular SC, “[...] o professor assume o papel de mediador no desenvolvimento cognitivo do aluno. Desta forma, é indispensável que o professor tenha domínio do saber, que busque a ampliação dos conhecimentos de maneira contínua [...]” (2005, p. 194).

Comungo, assim com o que diz Oliveira, ou seja: “um professor não é competente porque ‘dá uma boa aula’. Ele é competente quando consegue articular os diferentes saberes e dar significado ao que ensina. (2005, p. 66).” Pensando dessa forma, não basta o professor possuir um repertório, se o mesmo não consegue articulá-lo de uma forma a contribuir para sua vida de educador, utilizando esse repertório como uma ferramenta de ensino, auxiliando no seu modo de mediar o conhecimento aos seus alunos. Mas uma coisa é relevante: a ampliação de repertório é fundamental e deve acontecer constantemente.

É essa construção constante que o Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Unesc, está buscando, no momento em que altera a matriz curricular n.4, incluindo a disciplina Linguagem do Cinema e Educação, com 4 créditos, instituída na Resolução n.41/2008/Câmara Ensino de Graduação. A Disciplina tem como ementa “O Cinema como linguagem da arte; Aspectos teóricos do Cinema; Pressupostos artísticos, históricos e estéticos do Cinema e sua relação com o contexto escolar.”<sup>8</sup>

E esta pesquisa possui um desafio: estreitar a relação do sujeito professor com o repertório (a ampliação de conhecimento) cinematográfico. Propõe reflexões sobre o que ele possui enquanto repertório e o que ele leva para as escolas. Essa relação é algo pertinente, uma vez que segundo a Proposta Curricular de SC, o professor precisa

[...] estar atento às questões culturais do seu contexto, e precisa estimular e comprometer seu aluno a também participar ativamente do seu contexto, percebendo as manifestações culturais, através de museus, do cinema, do objeto artístico, de vídeos, de outdoors, de revistas, de jornais, de computação gráfica, de livros, etc. (2005, p. 194)

<sup>8</sup> Informações repassadas pela Coordenadora do Curso de Artes Visuais – Unesc, Prof<sup>a</sup> Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato. Cedida exclusivamente para essa pesquisa no dia 07 de nov. de 2011.

Loponte traz uma denominação para a docência desse profissional que está atento a essas mudanças, afirmando que “Uma docência que se faz ‘artista’ pode ser aquela que assume o seu trabalho como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar a desenhar-se. Um trabalho sobre si mesmo que não se faz sozinho.” (2007, p. 236). É esse o caminho para a ampliação de repertório, é transformar-se, é ir e vir por entre o conhecimento, é rascunhar e rabiscar novos caminhos para formação e assim desenhar-se como um novo sujeito.

A formação do sujeito “[...] professor traz as marcas de suas escolhas pessoais e suas afinidades teóricas.” (BUORO; COSTA, 2007, p. 252). Cada escolha possui um caminho, um significado, e esses significados viram repertório adquirido para esse sujeito professor em específico, um repertório que é, em outras palavras, carregado de sentidos, enquanto construído gradativamente.

Para que o sujeito professor faça escolhas que ampliem seu repertório é necessário que esteja atento ao meio em que está inserido, pois segundo Pimentel: “@ professor@ de Arte [...] deve ser, primeiramente, pessoa inserida no contexto artístico como forma de viver. É essencial que a experiência estética seja um componente importante em sua vida cotidiana” (2007, p. 293).

Quando assistimos a um filme podemos conhecer algo que se passa por outras culturas, e isso nos possibilita fazermos relações, entre o nosso contexto e o contexto de outros lugares, fato que se torna cada vez mais importante.

Mas como levar filmes para as aulas se eu não possuo um repertório cinematográfico? Que repertório estou construindo? Utilizo sempre aquele mesmo filme, que já foi fita cassete, que passam na sessão da tarde, ou que o aluno traz na mochila? De que forma estamos ampliando o repertório? Qual a relação dessa ampliação com a identidade do professor?

É pensando nesse olhar da identidade do professor que relembro do filme “O sorriso de Monalisa”<sup>9</sup>, o qual me arrepia até hoje só de lembrar do que o filme passa para nós, se você já o assistiu vai lembrar do amor que aquela professora de Arte tinha pela sua profissão, e pela Arte, em nenhum momento ela desistiu do seu papel de professora. Ela utilizou-se de seu repertório para, conseguir ampliar o

---

<sup>9</sup> Filme lançado em 2003, direção de Mike Newell, gênero drama.

repertório de suas alunas. E conseguiu, pois a identidade daquela professora é única. Oliveira (2005), fala da identidade docente, para ela

Na identidade docente estão presentes os conceitos, as relações que o professor estabelece com sua área de conhecimento, sua leitura de mundo, sua ética profissional e o valor que dá a sua profissão de professor e esta identidade é única, intransferível, não-traduzível. (p. 63).

Entende-se então a identidade sendo algo único, e dessa forma, cada um possui a sua identidade que está repleta de significados, de acordo com as relações que o professor estabelece, ou seja, podemos falar dessa ampliação de conhecimentos, de experimentações. Pensando o cinema, a ampliação do repertório cinematográfico enquanto algo que contribui diretamente nessa identidade questiono: quais as possibilidades para essa ampliação de repertório cinematográfico, que a cidade de Criciúma oferece?

Pensando então nessa ampliação de repertório cinematográfico, analisando onde o professor de Arte poderia encontrar locais que possibilitem essa ampliação, podemos encontrar oficialmente na cidade quatro salas de cinema, sendo, duas delas no Shopping Criciúma e as outras duas no Shopping Della.

Na Unesc acontece todos os anos a Mostra de Cinema Unesc, que é promovida pelo Arte na Escola/ Polo Unesc, juntamente com o Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética – GEDEST, Grupo de Estudos sobre Educação Imaginativa - GPEI, Curso de Artes Visuais, Setor de Arte e Cultura, e o Museu da Infância. Esteve na sua 6ª edição no ano de 2011. Esta mostra é gratuita e mobiliza toda a região de Criciúma, atraindo escolas municipais, estaduais e particulares. Na cidade, encontramos também o Sesc segundo a Cristiane Nasario Gomes, coordenadora do Setor de Cultura, o Sesc possui vários projetos relacionados ao cinema, sendo eles: Mostras de Cinema, A Escola vai ao Cinema, e o CineSESC, todos estes acontecem no espaço Teatro SESC Criciúma, que possui um ambiente adaptado para as sessões de cinema.

Há em Criciúma também o Instituto Multiplicando Talentos que é uma Organização Social de Interesse Público – OSCIP, possui o Projeto Cinema Mult 3D, com sessões gratuitas para a comunidade, que são em parceria com o Governo Federal e o Ministério da Cultura. Há também sessões pagas durante a semana.

Além desses locais para o espaço do cinema, podemos encontrar aproximadamente 20 vídeo locadoras, espalhadas pela cidade, possibilitando o acesso de todos os interessados (que possam pagar a locação, é claro). Sem contar os inúmeros acessos á filmes no momento que você desejar adquirir pela internet ou mesmo nas lojas pela cidade. Além de opções de compra de filmes em canais abertos de TV, sendo que as TVs de assinatura também contemplam canais só de sessões de filmes e etc. Resta saber é se o professor está atento à essas possibilidades e de que forma vai construindo seu acervo.

## 5 PROFESSORES: UM OLHAR PARA O REPERTÓRIO CINEMATOGRAFICO

Retomo neste momento o objetivo principal desta pesquisa que é investigar o repertório cinematográfico que o professor leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Artes, objetivando melhor compreender a relação entre cinema e educação. Para isso, desenvolvi duas etapas para a entrega dos questionários referentes a esta pesquisa como já foi dito nas questões metodológicas. A primeira etapa foi via e-mail juntamente com o auxílio da Coordenadora de Arte de Criciúma, e de 90 e-mails apenas 7 retornaram. Desse modo coloquei em ação a segunda etapa, que foi ir ao encontro de alguns professores, que estavam participando de um circuito de oficinas promovidas pelo Arte na Escola/Polo Unesc, nessa abordagem tive o retorno de mais 7 questionários.

Desta forma, a análise que será apresentada aqui, conta com as respostas de 14 professores que atuam em escolas de Criciúma. Esses questionários servirão como um pequeno recorte sobre o repertório cinematográfico que os professores levam para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte. Mas como analisar os questionários aos quais tive retorno? Para realizar esta análise, elaborei uma proposta, onde os professores não serão identificados, e seus nomes preservados, assim identificá-los-ei por pseudônimos denominando-os como Prof1, Prof2, Prof3 e assim sucessivamente até o Prof14.

Escolhi fazer essa análise, classificando-a pelas próprias perguntas existentes no questionário que foi elaborado. Lembrando o que já nos disse Minayo, a pesquisa qualitativa da qual estamos falando “[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”(1994, p. 22).

Dos quatorze professores questionados: quatro estão cursando Artes Visuais – Licenciatura da Unesc, quatro professores são graduados, sendo que dois em Artes Visuais, e os outros dois em Educação Artística. Cinco dos entrevistados são pós-graduados, e um é mestre em Artes Visuais. Os professores que fazem parte desta pesquisa lecionam por tempos variáveis, deste modo seis lecionam até cinco anos, e cinco professores lecionam de cinco a quinze anos, e três lecionam de quinze anos para mais. Após conhecer a formação e o tempo em que esses professores lecionam, pergunto: Você assiste filme em que local? E as quatorze

respostas novamente se distinguem, cinco assistem filmes apenas em casa, cinco alegam que assistem filmes no cinema e em casa, três assistem em casa e em outros lugares, sendo que um desses três alega que o outro lugar seria a escola, por fim um afirma que assiste filmes no cinema, como também em casa e em outros lugares.

Já conhecemos os locais que os professores assistem filmes, mas qual seria a frequência que eles assistem esses filmes? Dentre os quatorze professores um assiste filmes raramente, dois assistem às vezes, e onze assistem sempre. Esse é um dado relevante, pois durante toda esta pesquisa percebo a contribuição da linguagem cinematográfica na formação do sujeito, evidenciando em particular as respostas dos professores entrevistados e dos textos contemplados. É neste momento que retomo ao que diz Pimentel, pois segundo a autora, “@ professor@ de Arte [...] deve ser, primeiramente, pessoa inserida no contexto artístico como forma de viver. É essencial que a experiência estética seja um componente importante em sua vida cotidiana” (2007, p. 293).

Percebo que a maioria desses professores assistem filmes sempre, então surge à curiosidade, qual a frequência que esses professores passam filmes aos seus alunos? Dois professores alegam que raramente passam filmes para seus alunos, dez professores confirmam que passam filmes às vezes, e por fim dois dizem que sempre passam filmes para os seus alunos. Esse passar filmes, torna-se uma contribuição evidente para a formação desses alunos, pois segundo Fantin,

O cinema contribui com todos os fatores de estímulos à imaginação infantil: é arte, acrescenta à multiplicidade narrativa, é espaço de mediação cultural entre as gerações, e deflagra um tempo fora do tempo do relógio que é favorável à fantasia e à recreação subjetiva do mundo. (2006, p. 12)

O próximo questionamento que faço aos professores entrevistados, é pedindo para que listem nomes de alguns filmes que eles já assistiram e gostaram, logo em seguida faço outro questionamento, desses filmes que citaram, eles já passaram alguns aos seus alunos? E a resposta foi unanime, todos os professores responderam sim para esta pergunta, alegando que já passaram alguns desses filmes. No questionário em sequencia dessa pergunta, seguia uma continuidade da mesma, onde se a respostas deles fosse sim, qual ou quais eles haviam passado. Então faço a opção de elaborar uma tabela, onde na primeira coluna ficará o

pseudônimo do professor, na segunda coluna ficará os filmes que os professores assistiram e gostaram, e na terceira coluna daqueles filmes quais foram os que passaram aos alunos.

Tabela 1 – Filmes assistidos e filmes passados aos alunos.

<b>Professor</b>	<b>Quais os filmes que assistiram e gostaram?</b>	<b>Quais desses filmes passaram para os alunos?</b>
<b>Prof1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Rio;</i></li> <li>➤ <i>A Era do Gelo todos;</i></li> <li>➤ <i>Treinando Papai;</i></li> <li>➤ <i>Os Pinguins do Papai;</i></li> <li>➤ <i>Arte na escola- Auto-Retrato;</i></li> <li>➤ <i>O Galinho...</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Rio;</i></li> <li>➤ <i>Arte na escola- Auto-Retrato;</i></li> <li>➤ <i>O Galinho...</i></li> </ul>
<b>Prof2</b>	<i>Sou vidrada em filmes, portanto a lista seria grande demais</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>A bússola de ouro;</i></li> <li>➤ <i>Tinker Bell</i></li> </ul>
<b>Prof3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Agonia e Extase;</i></li> <li>➤ <i>Camille Claudel;</i></li> <li>➤ <i>Vem dançar;</i></li> <li>➤ <i>Radio.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Vem dançar;</i></li> <li>➤ <i>Radio;</i></li> <li>➤ <i>O Pequeno Principe;</i></li> <li>➤ <i>Modigliani</i></li> </ul>
<b>Prof4</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Música do coração;</i></li> <li>➤ <i>Sorriso de Monalisa;</i></li> <li>➤ <i>Kirikú e a feiticeira;</i></li> <li>➤ <i>Príncipes e Princesas;</i></li> <li>➤ <i>Pequenas histórias;</i></li> <li>➤ <i>Morte e vida severina;</i></li> <li>➤ <i>Irmão urso;</i></li> <li>➤ <i>Príncipe do Egito;</i></li> <li>➤ <b>Documentários:</b></li> <li>➤ <i>Sebastião Salgado;</i></li> <li>➤ <i>Mestre Vitalino;</i></li> <li>➤ <i>Isso é arte?;</i></li> <li>➤ <i>Cores urbanas;</i></li> <li>➤ <i>Vick Muniz;</i></li> <li>➤ <i>Carnaval dos animais...</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Todos exceto os dois primeiros.</i></li> </ul>
<b>Prof5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Kirúku e a Feiticeira;</i></li> <li>➤ <i>Filmes do Artes na Escola;</i></li> <li>➤ <i>Documentários sobre as etnias de Santa Catarina e pintores etc...</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Artes na Escola;</i></li> <li>➤ <i>Documentários...</i></li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Kirukú e a feiticeira;</i></li> <li>➤ <i>Monstros S.A;</i></li> <li>➤ <i>Sorriso de Monalisa;</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Kirukú e a feiticeira;</i></li> <li>➤ <i>Monstros S.A;</i></li> <li>➤ <i>Ratatui;</i></li> </ul>

<p><b>Prof6</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>menino do Pijama listrado;</i></li> <li>➤ <i>Caçador de Pipas;</i></li> <li>➤ <i>Marley e Eu;</i></li> <li>➤ <i>Ratatui;</i></li> <li>➤ <i>A Estrada;</i></li> <li>➤ <i>Austrália;</i></li> <li>➤ <i>Jogos Mortais 1,2,3,4,5,6,7.</i></li> <li>➤ <i>A Vida é Bela;</i></li> <li>➤ <i>Horton e o mundo do Quem;</i></li> <li>➤ <i>Árvore da sabedoria;</i></li> <li>➤ <i>Para Sempre ao seu Lado;</i></li> <li>➤ <i>Etc.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Horton e o mundo do Quem</i></li> </ul>
<p><b>Prof7</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Adriana Varejão [gravação de vídeo]: metáforas da memória;</i></li> <li>➤ <i>Amelia Toledo [gravação de vídeo]: razão e intuição;</i></li> <li>➤ <i>Amilcar de Castro [gravação de vídeo] / direção: João Vargas Penna;</i></li> <li>➤ <i>Arte e matéria [gravação de vídeo] / direção: Maria Ester Rabello;</i></li> <li>➤ <i>Construção coletiva [gravação de vídeo]: a cerâmica na escola / direção: Rosilda Sá;</i></li> <li>➤ <i>Forma que se transforma [gravação de vídeo] / direção: Sérgio Zeigler;</i></li> <li>➤ <i>Francisco Brennand [gravação de vídeo]: oficina de mitos / direção: Cacá Vicalvi;</i></li> <li>➤ <i>Shoko Suzuki [gravação de vídeo]: cerâmica e tradição / direção: Cacá Vicalvi;</i></li> <li>➤ <i>Norma Grinberg: [gravação de vídeo]: tridimensionais/ direção: Wilson Lazaretti entre outros.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Arte e matéria [gravação de vídeo] / direção: Maria Ester Rabello;</i></li> <li>➤ <i>Francisco Brennand [gravação de vídeo]: oficina de mitos / direção: Cacá Vicalvi;</i></li> <li>➤ <i>Shoko Suzuki [gravação de vídeo]: cerâmica e tradição / direção: Cacá Vicalvi;</i></li> <li>➤ <i>Norma Grinberg: [gravação de vídeo]: tridimensionais / direção: Wilson Lazaretti;</i></li> <li>➤ <i>Amelia Toledo [gravação de vídeo]: razão e intuição e outros.</i></li> </ul>
<p><b>Prof8</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Pequeno príncipe;</i></li> <li>➤ <i>A moça do brinco de pérola;</i></li> <li>➤ <i>Entre os muros da escola;</i></li> <li>➤ <i>A arquitetura da destruição;</i></li> <li>➤ <i>Em nome da Rosa;</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Video do arte na escola, xilogravura, instalação com Carlos Farjado</i></li> </ul>

	➤ <i>Videos do arte na escola</i>	
<b>Prof9</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>O sorriso da Monalisa;</i></li> <li>➤ <i>Loja Magica de Brinquedos;</i></li> <li>➤ <i>Krajberg: o poeta dos Vestígios; (documentário);</i></li> <li>➤ <i>Kiriku e a feiticeira</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Loja Magica de Brinquedos;</i></li> <li>➤ <i>Kiriku e a feiticeira</i></li> </ul>
<b>Prof10</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>A Fonte da vida;</i></li> <li>➤ <i>Interconectividade (David luzuki);</i></li> <li>➤ <i>La belle verte</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Interconectividade, Em meu atelier passo filmes/ arte p/ provocar reflexões e mudanças de opinião sobre a linguagem cinematográfica e os estereótipos.</i></li> </ul>
<b>Prof11</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Vida de Van Gogh;</i></li> <li>➤ <i>D'arte Neoclássica;</i></li> <li>➤ <i>Filmes Arte na escola</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Arte na escola</i></li> </ul>
<b>Prof12</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Cidade de Deus;</i></li> <li>➤ <i>Se eu fosse você;</i></li> <li>➤ <i>Kiriku;</i></li> <li>➤ <i>estudante;</i></li> <li>➤ <i>Menino maluquinho;</i></li> <li>➤ <i>Cidade do poetas mortos;</i></li> <li>➤ <i>Rayner;</i></li> <li>➤ <i>Uma lição de vida;</i></li> <li>➤ <i>Fryda; Gulliver;</i></li> <li>➤ <i>A guerra das cores</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Kiriku;</i></li> <li>➤ <i>Cidade de Deus;</i></li> <li>➤ <i>Se eu fosse você;</i></li> <li>➤ <i>Cidade do poetas mortos;</i></li> <li>➤ <i>Rayner;</i></li> <li>➤ <i>Uma lição de vida;</i></li> <li>➤ <i>E outros...</i></li> </ul>
<b>Prof13</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>As sombras de Goya;</i></li> <li>➤ <i>De encontro com amor;</i></li> <li>➤ <i>Frida Kallo;</i></li> <li>➤ <i>Alice...</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>As sombras de Goya</i></li> </ul>
<b>Prof14</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Cinema Paradiso;</i></li> <li>➤ <i>Abril despedaçado;</i></li> <li>➤ <i>DVDs Arte na Escola</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <i>Arte e matéria;</i></li> <li>➤ <i>Carlos Vergara</i></li> </ul>

Esta tabela apresenta parcialmente o repertório cinematográfico que o professor leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte. É evidente que alguns professores, reconhecem o filme que assiste, como algo que irá contribuir para na formação do seu aluno, e dessa forma levando-o até a escola. Percebe-se que entre todos os filmes que os professores assistiram apenas três filmes se repetem: O pequeno Príncipe, O Sorriso de Monalisa e Kiriku e a Feiticeira. Isso mostra o quanto o repertório dos professores é diferenciado. Evidencia nesta

tabela também que os professores estão reconhecendo os DVDs do Arte na Escola como um instrumento, que se faz necessário nas aulas. Concordo com Duarte, quando segundo ela

Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e de informação. (2002, p. 87)

Percebe-se nesta análise que filmes na aula de Arte é fato e não boatos, mas como são essas experiências? Ressaltarei aqui algumas das respostas dos professores a esta pergunta:

Prof1 *“Quando as crianças ficam interessadas a experiência é muito bacana, elas cantam se divertem e fazem silêncio para prestarem atenção, mas os Filmes de desenhos agradam muito mais as crianças de 4 a 8 anos e os maiores não é fácil de agradar.”*

Prof4 *“Os alunos gostam mais dos filmes que de documentários, mas gostam que as aulas sejam diversificadas.”*

Prof5 *“Boa, como em toda a sala de aula não agrada a todos mas contribui no seu aprendizado”*

Prof6 *“Legal, bastante gratificante em relação ao encanto da criança pelos filmes, suas perguntas e seu interesse ao assistir. Principalmente o Kiriku.”*

Prof7 *“Na maioria das vezes esta experiência foi sempre positiva e o retorno se estabeleceu no desenvolvimento do processo criativo/produtivo e no reflexivo, um auxiliando o outro.”*

Prof10 *“Encantamento, reflexão, debate e até encontro de ideias, reconhecimento.”*

Prof11 *“Foi boa, o aluno vivencia o artista com sua arte.”*

Todas as respostas apresentadas nessa pergunta, evidenciam que as experiências foram consideravelmente positivas, mas senti necessidade de destacar essas respostas em específico, e remeto-me neste momento ao filme “O todo

poderoso”<sup>10</sup> em que um mero mortal recebe todos os poderes de Deus, pois esse Deus vai tirar umas férias, e no momento em que as pessoas fazem seus pedidos a Deus esse mero mortal que está com os poderes diz sim para todos os pedidos, e assim acontece algo inesperado e surpreendente, pois muitas pessoas acertam na loteria ao mesmo tempo. Faço esse recorte para o filme, entendendo que não podemos agradar a todos, cada professor vivência uma realidade diferente do outro. E dessa forma, é claro que agradar uma turma inteira é um pouco complicado, mas não impossível. E são por essas diferenças, e por cada aluno possuir suas experiências, e seu contexto social e regional, que a LDB, altera o artigo 26 § 2º “O ensino da Arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (Título V, Cap. II, Art. 26, § 2º).

Para que os professores levem filmes para as escolas, em específicos na aula de Arte, precisamos entender quanto aos materiais que eles utilizam para que esses filmes sejam assistidos, então pergunto: Você utilizou qual meio áudio visual para passar esses filmes? E obtive os seguintes resultados: oito professores utilizam apenas a televisão, dois utilizando apenas o Datashow, três utilizam os meios áudios visuais: televisão e Datashow. Mas além do recurso midiático, existe algo importante, que é o local para que essas mídias estejam instaladas, para receber os alunos. Que local foi utilizado para as sessão de filme? Dos professores entrevistados seis utilizam a sala de aula, um a sala de vídeo, dois a sala de aula e a biblioteca da escola, dois utilizam a sala de aula e o laboratório de informática e por fim um utiliza a sala de aula, o laboratório de informática e outro local, mas não especifica qual local seria.

Como tudo na vida, de certo modo, envolve facilidades e dificuldades, pergunto a esses professores, quais as facilidades que eles encontram para levar esses filmes até seus alunos? Pois bem, essa pergunta foi feita no questionário, e trago neste momento um recorte de algumas das respostas:

*Prof1 “O acesso a TV e DVD na sala de Arte, o ser uma atividade prazerosa e os alunos gostarem.”*

---

<sup>10</sup> Filme Lançado em 2003 (EUA), direção de Tom Shadyac, gênero comédia.

Prof3 *“Uma aula diferente (completa), onde podemos trabalhar a imagem, a fala o movimento, atuação dos atores ,cenário figurino, etc...”*

O cinema como linguagem possui códigos, e esse professor Prof3, cita os códigos específicos dessa linguagem, e faz a relação do cinema como instrumento para educação, que segundo Fantin

[...] educar com e para o cinema, e com o caráter de objeto temático educar sobre o cinema. Ou seja, a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos. (2006, p. 103)

Retomando:

Prof9 *“Recursos audiovisuais presentes na escola (Datashow, televisão). Facilidade de acesso aos filmes.”*

Prof12 *“Pela a história social e cultural do aluno e de acordo com conteúdos aplicados junto c/ alunos.”*

Prof14 *“As facilidades são os títulos variados.”*

É necessário também saber qual as dificuldades que eles encontram, e se encontram ao passar esses filmes, dentre todas faço novamente um recorte para algumas respostas que se distinguem, de certo modo:

Prof1 *“Na verdade a maior dificuldade é na escolha do filme muitas vezes a criança já assistiu ou não agrada, até mesmo pela classificação de idade, pois os maiores de 9 a 11 anos não querem assistir filmes recomendados para essas idades.”*

Prof6 *“Hoje a maioria dos professores, usam filmes para “matar aulas, então passam todos os filmes que encontram. Os alunos assistem filmes de todos os tipos sem conteúdo algum. Já os professores que planejam os seus conteúdos pensando no filme que se encaixa em suas aulas para fazer uma aula diferenciada, encontram muitas vezes a dificuldade de que outro professor já utilizou o filme sem conteúdo nenhum. Não falo isso só por mim, mais por outros que já passaram por isso.”*

Prof10 *“Local inapropriado na escola e falta de tempo hábil.”*

Prof12 *“Disponibilidade do espaço e material (TV).”*

São dificuldades, que a princípio nada impedem de levar filmes para as aulas de Arte. E por fim, já sabendo qual é esse repertório cinematográfico que o professor leva para as escolas, tendo consciência de qual os áudio visuais que utilizam, e em que espaço isso acontece, percebendo assim quais as facilidades e dificuldades encontradas, está mais do que na hora de conhecer o que os entrevistados percebem, no sentido de qual a importância, para eles de passar filmes nas aulas de Arte?

Como somos cidadãos críticos, e dispomos de ideias e ideais diferenciados, penso ser de extrema necessidade expor aqui a escrita de cada entrevistado, pois essa importância é evidente a cada um:

Prof1 *“É poder através de alguns filmes, levar o aluno ao mundo de faz de conta e ao mundo real, a tecnologia de áudio, vídeo a evolução. Poder levar cultura pra sala de aula com filmes como os documentários sobre assuntos referentes ao conteúdo das aulas.”*

Prof2 *“Como é um meio de linguagem visual, casa muito bem com minhas aulas.”*

Prof3 *“Trabalhar com a imagem e movimento, provocar críticas, as cores, o cenário, as falas, atuação dos atores, tudo pode ser trabalhado...”*

Prof4 *“O método audiovisual além de ser mais atrativo, é mais rico e eficiente para desenvolver os conteúdos.”*

Prof5 *“O filme contribui porque é uma linguagem que abrange no geral todas as outras linguagens da arte propõe para o aluno nova forma de absorver conteúdo utilizando os sentidos.”*

Prof6 *“Considero o cinema uma linguagem da Arte, através dele o aluno prende sua atenção no conteúdo passado, aprendendo de uma forma mais significativa. Sem contar que ao mesmo tempo esta apreciando uma linguagem da arte, que também pode ser ensinada em sala de aula, suas técnicas seu valor.”*

Prof7 *“A importância de passar filmes nas aulas de artes funciona como mais um recurso áudio/visual, uma ferramenta importante para estabelecer entrelaçamentos e diálogos através do que está sendo*

*exposto pelo professor e o filme vem como um complemento, como exemplo: a obra de Francisco Brennand, esta apresentação gera aproximações entre a poética do artista em seu ateliê e estabelece a troca dialógica com o aluno que está experienciando o seu processo de criação em sala de aula, no ateliê.”*

*Prof8 “É muito importante, pois desperta interesse nos alunos, é uma experiência que eles não esquecem.”*

*Prof9 “Ampliar o repertório estético dos alunos; Educar o olhar; Promover desenvolvimento cultural dos alunos.”*

*Prof10 “Aproximar os alunos dessa linguagem, tão vasta e complexa.”*

*Prof11 “A importância e transformar as aulas mais atrativas presencial com a obras do artista e sua vida.”*

*Prof12 “O filme serve como recurso importante porque o mesmo já é um objeto de arte e que ainda é pouco explorado nas escolas.”*

*Prof13 “Mostrar a arte em outros segmentos, ligação da aula c/ o dia dia do aluno.”*

*Prof14 “A importância de mostrar filmes nas salas de artes é de grande relevância pois nos DVDs Arte na Escola mostram o dia a dia dos artistas, suas experiências, seu processo, tendo o contato com artistas que dificilmente poderíamos ter contato mais direto.”*

Após obter todas essas respostas, se faz necessário lembrar o que foi dito no subtítulo 3.2 Cinema e educação, onde comungo com a autora Martins, no momento em que ela nos diz que,

*[...] a linguagem cinematográfica constitui uma das formas de expressão mais relevantes na formação das visões de mundo da contemporaneidade, desde a imagem analógica à digital, da óptica à numérica, como elemento estruturante dos imaginários sociais, no âmbito dos estudos voltados para o ensino das Artes Visuais e da Cultura Visual, as narrativas cinematográficas não podem ser relegadas ao segundo plano. (2007, p. 122)*

É por meio dessa pesquisa, que constato que os professores de Arte de Criciúma, estão levando essa linguagem para as aulas, e de certo modo, percebem sua relevância para a formação do sujeito.

## **6 AMPLIANDO REPERTÓRIO: UMA PROPOSTA DE DEBATE**

Chegou o momento de colocar em prática, todo esse diálogo, e para que isso aconteça, proponho uma formação, ou seja, uma proposta de mesa redonda, que será apresentada à equipe da organização da VII Mostra de Cinema Unesc, que acontece todos os anos no Campus da Unesc, que é promovida pelo Arte na Escola/ Polo Unesc e seus parceiros.

### **MESA REDONDA:**

**Tema:** Repertório cinematográfico: você professor, possui um?

**Objetivo da proposta:** Ampliar o olhar dos professores, em relação a linguagem cinematográfica, com foco nas aulas de Arte.

**Público alvo:** Professores de Arte.

### **Composição da mesa:**

Prof.<sup>a</sup> Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

Prof.<sup>a</sup> Ma. Aurélia Regina Honorato

Prof.<sup>a</sup> Nathália Neves Aquino

Mediação: Prof.<sup>a</sup> Flávia da Silva Santana

### **Proposição**

A proposta acontecerá da seguinte forma: será passado o filme “Cinema Paradiso” direção de Giuseppe Tornatore. Após a sessão do filme, terá um intervalo, após o mesmo, será formada a mesa redonda, que será composta pelos seguintes professores convidados listados acima. Com a mesa já formada será iniciado um debate relacionando o filme e os nossos dias atuais, quanto à relação cinema e educação, evidenciando a importância da ampliação do repertório cinematográfico para a formação do professor. Segue abaixo a descrição da atividade:

Tabela 2 – Descrição de atividade – Mesa Redonda

<b>VII MOSTRA DE CINEMA UNESC</b>		
<b>Modalidade</b>	<b>Descrição da Atividade</b>	<b>Horário</b>
Mesa Redonda	<b>Filme:</b> Cinema Paradiso	18h00 às 20h00
	<b>Intervalo</b>	20h00 às 20h30
	<b>Debate:</b> Repertório cinematográfico: você professor, possui um?	20h30 às 22h00

## 7 CONCLUSÃO

Essa pesquisa chegou ao fim, um fim que não acabará mais, pois tudo que busquei mostrar aqui, ampliou muito mais o meu olhar, o meu repertório, e espero que provoque outros. Um percurso que foi construído, de maneira a melhor perceber e identificar, se os professores levam o seu repertório cinematográfico para as suas aulas de Arte. Esperava encontrar essa relação entre cinema e educação, não apenas no papel e sim em vivências cotidianas, e as encontrei por meio dos questionários que foram aplicados com os professores de Arte, que comprovaram essa relação, e também, de certa forma responderam o problema exposto no início dessa escrita. Pois ficou evidente por meio da análise dos questionários, que os nossos professores que atuam nas escolas da cidade de Criciúma, de um modo geral, pelo recorte dessa investigação, estão levando para os seus alunos filmes que em alguns momentos coincidem com um repertório trabalhado em encontros de formação realizados na própria universidade, ou filmes que foram passados na Mostra de Cinema, como o Kiriku e a Feiticeira, entre outros, que não surgiram por acaso, e sim do repertório que o professor adquiriu, em algumas das possibilidades que vimos que a cidade de Criciúma pode oferecer.

Por meio desta pesquisa pude aprofundar-me, mesmo que rapidamente, de certa forma na história do ensino da Arte, história essa que me encanta a cada retorno de olhar. Preenche nesse momento meus pensamentos, as imagens do filme “A vida é Bela”<sup>11</sup>, onde um pai tenta por meio de encenações mostrar, ao seu filho um outro olhar sobre um campo de concentração nazista, ao qual foram levados, e assim seu filho não perceba que a todo instante pessoas estão sendo mortas, ou torturadas. Talvez seja, essa, uma comparação meio forte, mas os professores, atualmente, mesmo se vivem cercados de acontecimentos ruins nas escolas, ou nas ruas, podem se vestir de um desejo de por em prática todo o seu repertório adquirido constantemente, procurando mostrar ao aluno um mundo fantástico, que é a imaginação, criação e os sentidos por meio da Arte, porque sonhar é preciso.

Trago um filme por entre essas escritas, para mostrar que um filme nos traz muito mais do que um olhar só naquele dado de tempo, e sim algo que fica guardado em nossa memória, onde a mesma constantemente faz relações com

---

<sup>11</sup> Filme lançado em 1997 (Itália), direção de Roberto Benigni, gênero comédia dramática.

essas experiências vivenciadas. As mídias são ferramentas, e devemos sim usá-las para enriquecer mais e mais nossas aulas. E a linguagem do cinema evidencia-se como uma dessas ferramentas mais próximas da educação. O cinema como vimos vem de uma longa história, e faz história até hoje. Cabe a nós professores de Arte, manter essa relação entre cinema e educação, algo tão surpreendente que aguça todos os nossos sentidos, e pode ser trabalhado de várias formas.

Formas essas que são proposta pelo GPEI, que busca com seu grupo de pesquisadores no qual estou inserida, desenvolver escritas sobre os filmes que tem a criança como protagonista, na intenção de aprender sobre infância, cinema e educação. Optam também por ouvir as crianças e então escrever a partir dessas falas das crianças, sobre o que elas veem nos filmes, o que elas percebem... E são esses estudos, essas relações, que não podemos deixar de lado, o professor deve constantemente estar em busca de novos olhares.

E para concluir comungo com a fala de Fantin,

[...] o cinema é um “*agente de socialização*” que possibilita encontros das mais diferentes naturezas: de pessoas com pessoas na sala de exibição, das pessoas com elas mesmas, das pessoas com as narrativas nos filmes, das pessoas com as culturas nas diversas representações fílmicas e das pessoas com imaginário múltiplos, etc. (2006, p.110)

Esse é o nosso querido e belo cinema, que como uma das linguagens da Arte possibilita um mundo de significados, e sensações, que contribuem, diretamente ou indiretamente para a formação do sujeito.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Estado de Santa Catarina: Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/proposta-curricular> . Acesso em: 04 set. 2011.

\_\_\_\_\_. Mec. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70&Itemid=265:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70&Itemid=265:legislacoes) . Acesso em: 04 set. 2011.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2008

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUORO, Anamelia Bueno; COSTA, Bia. Por uma construção do olhar na formação do professor. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

CUNHA, Wilson. Cinema. Rio de Janeiro: Bloch, 1980.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

Giuseppe Tornatore. Cinema Paradiso [DVD]. Itália: TF1 FilmProductions/ LesFilms Ariane/ Cristaldifilm/ RAI; 1988.

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS. Secretaria de Educação Básica. **Conhecimentos de Arte**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Vol 1, p. 167 a 209.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

MARTINS, Alice Fátima. Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de artes visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura**.

Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

MAY, Renato. **A aventura do cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1976.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 16. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2000. 80 p.

Mike Newell. O Sorriso de Monalisa [DVD]. EUA: Columbia Pictures Corporation/ RevolutionStudios/ Red Om Films; 2003.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 16. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2000. 80 p.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando. (orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. MAKOWIECKY, Sandra. (orgs.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó/SC: Argos, 2008.p.35-53.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Formação de Professor@s: ensino de arte e tecnologias contemporâneas. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

Richard Attenborough. Chaplin [DVD]. EUA: TriStar Pictures/ Carolco Pictures/ Le Studio Canal+/ RCS Video; 1992.

Roberto Benigni. A vida é bela [DVD]. Itália: Melampo Cinematográfica; 1997.

Sam Mendes. Beleza Americana [DVD]. EUA: DremWorks SKG; 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: Projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo, SP: Hacker Editores, 2001. 216p.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Silemar Maria de Medeiros da. . **"Minha escola é assim..."**: reflexões sobre a produção de um filme com crianças. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2009

STAMM, Eliana. O tridimensional no desenvolvimento infantil. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org.). **Linguagens da arte na infância**. Joinville, SC: Univille, 2007.

Tom Shadyac. *Todo Poderoso* [DVD]. EUA: Universal Pictures / Pit Bull Productions / Shady Acres Entertainment / Beverly Detroit / Interscope Communications / Partizan; 2003.

XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

**APÉNDICE(S)**

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

### UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

#### Questionário

Este questionário tem por objetivo, investigar o repertório cinematográfico que o professor leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte, objetivando melhor compreender a relação entre cinema e educação. E é parte integrante do trabalho de conclusão de curso da aluna Flávia da Silva Santana, acadêmica da oitava fase do Curso de Artes Visuais- Licenciatura pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Lembrando que seu nome só será publicado se você desejar, com sua permissão podemos usar um pseudônimo garantindo sua autoria. Desta forma peço sua colaboração no sentido de contemplar as respostas com maior sinceridade possível contribuindo para efetivação de minha pesquisa.

1. Qual sua formação?

---

---

2. Há quanto tempo você leciona?

---

---

3. Você assiste filme em que local?

Cinema  Em casa  Outros: \_\_\_\_\_

4. Qual frequência que você assiste filmes?

Nunca  Raramente  As vezes  Sempre

5. Qual a frequência que você passa filmes aos seus alunos?

Nunca  Raramente  As vezes  Sempre

Você pode listar o nome de alguns filmes que você já assistiu e gostou?

---

---

---

---

6. Desses, você já passou algum para seus alunos?

Sim  Não

6.1. Se a resposta foi sim, qual ou quais você já passou?

---

---

---

6.2. Como foi essa experiência?

---

---

---

---

---

6.3. Você utilizou qual meio áudio visual para passar esses filmes?

Televisão       Data show       Notebook

Outros: \_\_\_\_\_

6.4. Que local foi utilizado para a sessão de filme?

Sala de aula       Auditório       Biblioteca       Laboratório de Informática

Outro: \_\_\_\_\_

7. Quais as facilidades que você encontra para levar os filmes até seus alunos?

---

---

---

8. Quais as dificuldades que você encontra para levar os filmes até seus alunos?

---

---

---

9. Para você professor, qual a importância de passar filmes nas aulas de Arte?

---

---

---

---

---

---

Muito obrigada por colaborar com a realização desta pesquisa!

Atenciosamente,

**Flávia da Silva Santana**  
Acadêmica pesquisadora

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando um projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“As aulas de Arte e o repertório cinematográfico dos professores”** O (a) sr(a) foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos investigar o repertório cinematográfico que o professor leva para as escolas de Criciúma, em específico nas aulas de Arte, objetivando melhor compreender a relação entre cinema e educação. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao sr (a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

**A coleta de dados será realizada pela Flávia da Silva Santana (fone: (48) 3437-3022) da 8ª fase da Graduação de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC e orientado pela professora Silemar Maria de Medeiros da Silva (9993-1197). O telefone do Comitê de Ética é 3431.2723.**

Criciúma (SC) \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

---

**Assinatura do Participante**